

Emoção e movimento nas representações sociais e na mídia¹

Sebastião Josué Votre

Laboratório do Imaginário e das Representações Sociais
Curso de Pós-Graduação em Educação - UGF
Rio de Janeiro RJ

Resumo: Neste texto, procura-se apresentar um caminho da emoção entre as trilhas delineadas pelas representações sociais, e pelos depoimentos da mídia. As representações sociais são construídas na interação das sociolinguagens entre os membros das torcidas (organizadas ou não). Para a mídia, tomamos como referência manifestações da emoção relacionadas a jogos da primeira fase do campeonato carioca. A perspectiva de análise é semiótica, com foco no significado das reportagens sobre ações simbólicas e atos gestuais e verbais dos protagonistas do esporte. Procura-se demonstrar que os gestos e as práticas languageiras da mídia oscilam entre solidariedade e luta, e alteram o estado dos comportamentos dos jogadores e dos membros do corpo técnico, bem como contribuem para criar e destituir ídolos. Oferecem-se subsídios para a compreensão das relações entre imaginários/representações e práticas, no campo esportivo. Argumenta-se que uma abordagem semiótica, com foco nas ações languageiras e na análise dos hinos e gritos de “guerra”, permitirá uma nova compreensão da importância dos rituais de apoio e escárnio e contribuirá para entendermos o papel ostensivo de símbolos (bandeiras, camisas, camisetas, bonés, gorros, fitas, etc.) na definição e consolidação da identidade esportiva e da coesão emocional de torcedores e atletas.

Palavras-chave: Emoção, representações sociais, mídia, práticas sociais.

Emotion and movement in social representations and media

Abstract: The aim of this text is to offer a balance between social representations and the production of ideas in the printed media, related to emotion in sport. The modality of sport taken as reference is football in Rio de Janeiro, with focus on 2003 State championship. Symbolic actions of players and fans are taken as object of analysis, and symbolic objects (flags, hymns, songs, gestures) are interpreted as source of emotion, cohesion and fighting among the fans of both teams. The semiotic approach adopted for analyzing the flow of emotion and the flow of actions allows one to interpret the sporting field as a special issue of “semanticization” of the symbolic world.

Key Words: Emotion, social representations, media, social practice.

Introdução

Comece-se pela etimologia do termo, na tradição latina. O ponto de forte da raiz da palavra, *mov-*, é mover, deslocar, andar, avançar, sair, sobressair. O prefixo *ex-*, do latim antigo, aponta para fora. Baseamos numa interpretação com base na teoria da extensão imagética instantânea (VOTRE, 2000). Segundo esta teoria, os sentidos denotativos e conotativos, concretos e abstratos, associados a termos correntes hoje, na cultura, o eram, no passado, em suas acepções concretas e abstratas. O que supõe admitirmos que no momento histórico em que os romanos cunharam *ex-movere*, mover para fora, o movimento e o espaço eram polissêmicos, tais quais o são hoje. Havia o movimento

do corpo e o movimento do espírito, o espaço físico e o espaço mental, o dentro e o fora físico e o dentro e o fora mental. Ocorre que o substantivo daí derivado, *emotio*, *emotionem*, *emoção*, cristalizou-se no campo metafórico, no movimento do espírito, no espaço simbólico da mente, do coração. É o que se pode verificar, compulsando o Latin Dictionary de Lewis and Short da Oxford: etimologia: *emoveo* (*exmoveo*), *emovi*, *emotum*, *emovere*, mover para fora, para longe, remover; *movere suum nomen omne ex pectore* (mover seu nome de todos os peitos, i.e., de todos os corações).

A bacia semântica em que gravita *emoção* acolhe outros ingredientes com matizes assemelhados, onde figuram guerra, rivalidade, luta, antagonismo, vitória, ansiedade, coragem, garra, heróis, heroínas, virtudes, superioridade, e seus correlatos simbólicos: ícone, signo, sinal, símbolo, estandarte, mascote, flâmula.

¹ Texto apresentado na Mesa redonda: Estados emocionais e movimento, no III Congresso Internacional de Educação Física e Motricidade Humana e IX Simpósio Paulista de Educação Física

Vou partir de três hipóteses, duas fracas e uma terceira, forte:

- a) A emoção/compulsão é a mola do movimento esportivo. É o próprio motus corporis, motus mentis, o próprio movimento do corpo e da alma do esportista em busca da superação, da transcendência, do apogeu. O espaço do movimento é o da vertigem, da quebra do recorde, da busca da imortalidade. O movimento da emoção é para fora deste mundo, em direção ao mundo dos espíritos e corpos glorificados, em que a aura divina sopra e se passa a viver na memória, na lembrança, própria, e dos fãs.
- b) A emoção se cultiva, se constrói e se sustenta na interação e na intercomunicação social: física, esportiva, no trabalho, no lazer, na discussão, na fruição da mídia – vendo TV, ouvindo rádio, lendo jornais e revistas, consultando a Internet.
- c) A terceira hipótese é que nas atividades de interação e intercomunicação geram-se produtos culturais, objetos mentais que rolam, macios ou encrespados, entre os membros das comunidades de comunicação. Esses objetos, mais ou menos consensuais, são as representações sociais. Alguns vêm de longa data, e têm fundamento histórico, como a associação do Vasco da Gama com o bacalhau, do Fluminense com o pó de arroz, do Flamengo com o urubu. Outros são de origem recente, difícil de localizar, ou controversa, ou de extensão metafórica, como o do América como caldeirão do diabo.

Para apresentar achegas e achas na fornalha de burilamento das hipóteses, vou apresentar alguns postulados, que se apresentam sem comprovação, como se foram axiomas, ou fatos evidentes. Para comprometer-me menos com a formulação, e evitar a fórmula da equação, vou estabelecer uma relação mais frouxa entre os conceitos: nessa relação, emoção será postulada como contendo o atributo *x*, sem definição ou delimitação do grau de inclusão.

1. Emoção, como motivador do movimento esportivo. Emoção como associada a subjetividade, transcendência, superação, no campo esportivo (emocionar-se é o que importa, e o que sempre vale a pena, quando a alma não é pequena).
2. Representações e práticas sociais, como emocionalmente carimbadas. Representações como produtores e produtos da interação, na luta e na solidariedade (interagir para sobreviver, no reino da subjetividade).
3. Práticas/movimentos, como matéria prima da construção das representações sociais da mídia.
4. Mídias, como referência, termômetro, ponto de partida e chegada da emoção no movimento esportivo. A mídia como construtora de fatos espetaculares das coisas mais triviais. Como criadora do fantástico a partir do corriqueiro.

5. Gênero, como eixo articulador dos estados emocionais no movimento esportivo. (coesão e contradição/antipatia). Gênero como lugar especial de representações polares, de construção e consolidação de representações, opiniões e estereótipos, e de cristalização dessas construções através de frases-feitas, ditados, anexins, provérbios, anedotas, narrativas e lendas.
6. As linguagens das torcidas como fábrica da emoção e repositório da memória social face ao movimento esportivo.
7. A estética dos aspectos perceptuais, sensíveis, plásticos do corpo, em repouso e em movimento, como laboratório de emoções, sentidos e significados.

A seguir vou apresentar evidências, de distinta natureza, e em ordenação aleatória, com vistas a sustentar, ou pelo menos a ajudar a alicerçar as hipóteses e os axiomas acima formulados. Que se comece pela mídia, articuladora de representações, opiniões e palpites. As marcas linguageiras de estados alterados de humor e relacionamento abundam, nos veículos de circulação das mídias, impressas, orais, televisivas ou virtuais. Dadas as limitações de espaço, vou concentrar-me em algumas evidências, de aplicação discutível, dos títulos de reportagem da mídia carioca, do final de fevereiro e início de março de 2003.²

Poderíamos começar a análise com o lugar-comum da SPORTV: “Todas as emoções de um grande desafio”. Pois todo desafio é um grande desafio, que cabe exaltar, glorificar, fazer sair do rés-do-chão, revestindo-o com o tom espetacular. Cria-se, com as palavras, um novo e maravilhoso mundo, em que a rivalidade é palpável, as artimanhas da guerra são exaltadas, e as qualidades humanas, técnicas e táticas dos atletas são levadas ao paroxismo. Tudo é apresentado como grandioso, ou pelo menos tudo é grandiloquente.

Do *Jornal dos Sports*, selecionamos:

Quarta alucinante.

Inadiável! Tensão total!

Peito aberto. Carlos Alberto pronto para a guerra.

Diabo promete cozinhar o Bangu no Caldeirão.

Vejamos agora um pequeno excerto do que rola no *Lance*, o *diário dos esportes*:

Fla vai com força máxima

² O *Jornal dos Sports* de 7 de março de 2003, na Seção de Primeira, traz a seguinte notícia: Denílson envolvido em polêmica na Espanha. O brasileiro Denílson, do Bétis, provocou polêmica na Espanha com declarações dadas antes do jogo contra o Sevilla. “Temos que morrer para matá-los, massacrá-los, no bom sentido da palavra”, disse no site do jornal espanhol Marca. O Comitê Antiviolença recomendou à Federação Espanhola que investigue o brasileiro. Denílson se mostrou surpreso com a repercussão de suas declarações: “É melhor eu ficar de boca fechada.”

Anjo sem piedade

Tropeço coloca em risco cargo de Lopes

Diabo fará hoje jogo decisivo

Pé-de-Anjo é um demônio

Flamengo e Vasco protagonizaram um belo espetáculo, com cenas da mais intensa rivalidade. No final, quem saiu ganhando foi o time da Fuzarca que espantou a síndrome de vice em cima do rival.

Começemos pelo Jornal dos Sports, fundado em 1931, que teve sua glória sob a direção competente de Mário Filho:

- Trata-se dos jogos de Quarta-feira, que é apresentada como especial, especialíssima, como *Quarta alucinante*.

- Nada se pode perder, nada se pode adiar, sob o domínio da emoção, aqui rebatizada com seu parceiro tensão: *Inadiável! Tensão total!*

- Cada atleta é um guerreiro, do qual se espera prontidão, firmeza de caráter, garra, autoconfiança, disposição para o sacrifício e para a luta: *Peito aberto. Carlos Alberto pronto para a guerra.*

- As alcunhas, os apelidos, são costurados no fervor das batalhas em campo ou na imprensa, os próprios verbos se ajustam aos sentidos metafóricos dos nomes dos times e dos jogadores, como em *Diabo promete cozinhar o Bangu no Caldeirão*.

Estamos no mundo maravilhoso da criação humana, em que artistas da imaginação sugerem e criam mundos imaginários, em que entes superiores prometem façanhas impossíveis de se dar no mundo dos mortais comuns.

Observemos agora alguns títulos de reportagem do Lance, que se desdobra com virtuosidade em sua versão virtual, no Lancenet: na guerra do esporte, o *Fla vai com força máxima*. No caminhar dos times, há a surpresa, o suspense e o inesperado, pois pode-se encontrar um *Anjo sem piedade*. Haverá, logo mais, um *mengo vingador*. Pois *cangaceiro da Gávea é vingativo*. Ademais, o caminho é tortuoso, pedregoso, cheio de percalços, pois é um caminho cheio de armadilhas, e de guerreiros, que na competição querem, a todo custo, brilhar, para continuar a ter seu lugar de guerreiros garantidos. Cargos e funções esfumam-se a cada jogada. Cabe estar sempre atento, porque *Tropeço coloca em risco cargo de Lopes*. O mesmo diabo, fora da cozinha, precisa de cuidar-se, pois segundo o Lance, *Diabo fará hoje jogo decisivo*. Mas há mais, muito mais. Os nomes nem sempre contemplam o espírito dos nomeados, como se pode ver em *Pé-de-Anjo é um demônio*. As narrativas são um exemplo perfeito do discurso emotivo, em que as vitórias e as derrotas são metaforizadas com os termos da luta: *Flamengo e Vasco protagonizaram um belo*

espetáculo, com cenas da mais intensa rivalidade. No final, quem saiu ganhando foi o time da Fuzarca que espantou a síndrome de vice em cima do rival.

As representações sociais sobre emoção, veiculadas na mídia, são semente e fruto do que rola nos estádios e seu contexto emocional imediato. Cabe, pois, examinar, também, alguns canções, hinos, ou gritos de guerra das nações e tribos do esporte. Vou ilustrar esse discurso com fragmentos do que se ouve nas arquibancadas da nação rubro-negra, do Flamengo, para vermos como ecoam os mesmos slogans, a mesma cultura guerreira, de escárnio, humor e maldizer. Vejam que no próprio hino do clube, a palavra *emoção* é emblemática:

“Uma vez Flamengo, sempre Flamengo / Flamengo sempre eu hei de ser / é meu maior prazer, vê-lo brilhar, seja na terra, seja no mar / vencer, vencer, vencer / uma vez Flamengo, Flamengo até morrer / Na regata ele me mata, me maltrata, me arrebatou de emoção o coração / consagrado no gramado / sempre amado/, o mais cotado nos Fla-Flus, é um ai-Jesus / eu teria um desgosto profundo, se faltasse, o Flamengo no mundo / ele vibra, ele é fibra, muita libra já pesou / Flamengo até morrer, eu sou”.

Os itens léxicos desse hino contêm elementos de glórias, de provação, de coesão e de luta, de modo que cada vez que é cantado ele emociona os fãs com um ou vários desses sentidos. Seus verbos: *lutar, morrer, vencer, matar, maltratar*, apontam para o extremo da ação, enquanto *arrebatar* leva ao extremo a emoção. Seus substantivos localizam o embate: *terra, gramado, mar, regata*. Pintam a festa (prazer, emoção, coração), e materializam o apego (desgosto); Seus adjetivos são sagrados e dotados de valor: *consagrado, amado, cotado, profundo*. Entre os advérbios, predomina “sempre”, da fidelidade absoluta, até morrer, ao time. Por outro lado, é um texto cristalizado na memória dos rubro-negros, e que à força da repetição, vale mais como ritual do que pelo conteúdo semântico. O efeito coesivo da execução coletiva do hino é tão expressivo que mesmo quem não seja torcedor fanático do Flamengo, ao cantar o hino com pessoas que o fazem fanática e fervorosamente, se emocionam, vivencia esse sentimento. A repetição de “*uma vez Flamengo sempre Flamengo*”, é sintomática. Sinta Flamengo uma única vez para e você se renderá a seu charme e poder de sedução, e lhe “vestirá a camisa” para sempre. É a luta do herói épico que pode tornar-se trágico, mas será eternamente Flamengo, é um ato de adesão de caráter “sagrado”.

Quando mostra excelência esportiva, o time leva seus torcedores ao êxtase. O amor, a identificação e a alegria são tão grandes e tão fortes que alucinam quem torce pelo Flamengo. Alucinam tanto que os torcedores se sentem prazerosamente maltratados, em que a emoção é de matar. “*Me mata*”, “*Me maltrata*”, “*Me arrebatou de emoção o coração*”, é um momento de

êxtase que permite a fuga, o escape da realidade. Os torcedores transcendem para um outro plano, em que domina a emoção.

Já o hino da Raça é cantado sempre que as bandeiras entram no estádio e em momentos de exaltação e suporte ao time que está em campo, provocando a torcida adversária:

Quem não for rubro-negro, pode começar a correr / ela vem com seus guerreiros / ela vem pra te fuder / rubro-negro é assim mesmo / dá porrada em qualquer um / mas que beleza / que beleza, o rubro-negro não tem medo de morrer / olê-lê, olá-lá, a raça vem aí, o bicho vai pegar...

“Torcer / lutar / o inimigo massacrar / Raça Rubro-negra / Eu sou / Eu sou da Raça, eu sou/ vou dar porrada, eu vou / e ninguém vai me segurar, nem a PM...”

“Oh, meu Mengão, eu gosto de você / quero cantar ao mundo inteiro / a alegria de ser rubro-negro / cante comigo, Mengão / acima de tudo rubro-negro / cante comigo, Mengão / acima de tudo, rubro-negro...”

“O Senhor é rubro-negro, rubro-negro eu também sou / eu sou da Raça, também é o Senhor/ da Raça do Mengo.”

Os hinos mostram que a emoção/exaltação vem do competir, do superar, brilhar, vencer. Segundo Salgueiro (2003), quando se trata do esporte, profissional ou amador, a competição, apesar da ênfase na cooperação, predomina e faz do esporte uma atração emocionante, procurada por tantos praticantes e torcedores. Os estribilhos desautorizam a cantilena “futebol é paz, não violência”, “esporte é união, não é guerra” e enfatizam o tom com que Denílson se refere à disputa.

Os esportes *movem* atletas e admiradores e, conseqüentemente, viabilizam o surgimento de um sentimento de identificação e apego por determinados atletas e equipes, o que só se verifica com a combinação de fidelidade ao time e de hostilidade e rivalidade face a seus adversários. O processo coesivo de união, em torno de uma identidade alimenta-se da expectativa de sobrepujar o rival. O jogo de forças estimula a sociabilização construtiva, leva pessoas para os estádios, mas também acentua o acirramento de rixas que conduzem a atitudes violentas, com resultados por vezes fatais. A busca da emoção reúne uma carga dramática e subjetiva que leva para dentro do esporte diversos conceitos vividos no cotidiano. São as dramatizações da vida diária que formam os estereótipos e os símbolos das torcidas, unem e dividem pessoas em torno da paixão por uma equipe.

Na confusão de emoções que são as partidas de futebol, é difícil separar e distinguir as ações e os conceitos positivos e negativos. Não existe, no esporte, uma relação de causa e consequência, pela qual

podemos prever as atitudes do torcedor, nem mesmo entender essas atitudes, como referências nítidas das intenções dos indivíduos. O indivíduo se satisfaz, no jogo, com a alegria da disputa e a participação no grupo, bem como com o acirramento da partida e a adversidade da contenda. A adesão reflete o cativamento objetivo que o esporte exerce sobre nossas individualidades.

Torcedores, somos rivais por excelência, mesmo que essa rivalidade nunca atinja outros níveis, diferentes da “boa provocação” e da brincadeira. Portanto, toda ação, ofensiva ou não, produz nas torcidas rivais uma acentuação dos sentimentos de disputa.

Mas ao lado da disputa, a emoção se constrói a partir de um outro ingrediente, igualmente extasiante: há a busca da beleza, que é fundamental. Segundo Peres (2003), interpretar o fenômeno esportivo a partir da perspectiva estética é voltar nosso olhar para os aspectos sensíveis, expressivos e lúdicos do esporte. Busca-se uma interpretação complementar àquela movida pelo racionalismo científico – tecnológico.

O movimento esportivo é plástico, de comunicação e expressão de diferentes culturas, no qual é possível perceber significados e valores, sentimentos e emoções de uma sociedade ou de um grupo social. É um espaço de performance, em que a técnica funciona como elemento criador da beleza e da comunicação sensível. É um espaço de lazer quando causa prazer seja pela prática seja pela contemplação.

A beleza de um atleta em movimento ou os momentos de um jogo coletivo ou individual encantam milhares de pessoas com imagens e emoções ali expressos e registrados. A beleza do movimento corporal causa nas pessoas uma sensação de pertencimento, como se as pessoas fizessem parte daquele instante, daquela jogada, daquele movimento, apenas pelo fato de o contemplarem e de reconhecerem nele uma das faces da beleza do esporte.

Santin (1995, p.24) fala da necessidade que temos em compreender a linguagem de nosso corpo, pois ele nos fala através “[...] da emoção, da paixão, do sentimento. A linguagem das necessidades, dos desejos [...]”, a Educação Física e o esporte por tratarem da motricidade humana, são neste sentido, os principais responsáveis por esta alfabetização corporal a que ele se refere e que está relacionada à sensibilidade. Comenta ainda que Schiller, já no século XVIII, ao falar da educação estética do homem, via no impulso lúdico, que a sensibilidade e a razão atuam juntas. Não podemos então, falar que uma sobrepuja a outra.

De modo geral, para todo espectador deste esporte, o julgamento estético se relaciona basicamente com a sensibilidade, com a emoção. Desta forma são compartilhados os elementos estéticos através da experiência vivenciada pela sensação lúdica e prazerosa que a contemplação causa e que é percebida pelos sentidos.

Gênero é um eixo privilegiado para as reflexões sobre representações sociais e mídia face aos estados emocionais. Aqui, abre-se um espaço para essa temática no esporte, mais de perguntas do que de considerações nocionais, já que a presença feminina na mídia esportiva é ínfima. Apenas duas mulheres, Caroline Hildebrandt, do nado sincronizado, e Jacqueline Silva, do surfe, são mencionadas por seu desempenho. O que se pode inferir dessa distribuição assimétrica do esporte brasileiro? Deborah Tannen, em seu best seller, *You just don't understand*, diz que as mulheres, entre si, tendem a manifestar gestos, linguagens e ações que evidenciam emoção, associação a cooperação, enquanto os homens, entre si, evidenciam traços de competição, insegurança, "traíração", ou pelo menos tendem a ficar com o pé atrás. Diz a pesquisadora que tal comportamento se verifica na cultura americana e pode ser estendido como um universal das relações entre os sexos, ou melhor, intra-sexo. Como se comporta o Brasil, tomando como evidência alguns gestos e atitudes de mulheres e homens, no quadro recente da atividade físico-desportiva, a exemplo de Oscar, Romário, Jackie Silva e Maurren? Até que ponto a participação das mulheres, nos esportes coletivos, poderia contribuir para que sejam retomados e revalorizados aspectos cruciais da cultura, e para que a violência e a rivalidade sejam reconduzidas a dimensões controláveis? O crescimento do futebol feminino, na década de 80, mostrou que as agressões físicas e verbais eram proporcionalmente mais frequentes do que mostrava o futebol masculino. Por outro lado, outras dimensões culturais do esporte não foram analisadas, nesta época, e merecem uma análise cuidadosa, hoje. Até que ponto a beleza, como condicionador da vida, se manifesta no esporte feminino, com os corpos em repouso e em movimento?

Estou longe de concordar em que os depoimentos da mídia, e as representações sociais depressíveis dos hinos e gritos de guerra dos torcedores transformem o esporte num fenômeno cultural, em que se manifestem os valores da nossa cultura. Portanto, gostaria de concluir esta participação de forma polêmica, com comentários às *Reflexions à propos de représentations sportives*, de Moscovici (1995), publicadas em *Quel Corps – Critique de la Modernité Sportive*. Paris: Les Editions de la Passion, 179-194. Para ele, o esporte é uma grandiosa encenação de espetáculo para a civilização atual, um meio eficaz de não-participação e de participação não-participativa na vida social e no debate político. Refere Guy Debord em a sociedade do espetáculo, em que a mercadora se oferece a si mesma em espetáculo, em que os corpos se transformam em míssis espetaculares. Salienta que o esporte permite recriar entre os cidadãos os vínculos passionais que não são somente políticos, porque nada é mais desolador e perigoso que um país em que a paixão está em baixa. Entretanto, poder-se-ia conceber o esporte como um projeto cultural ou sócio-político, no sentido que Sartre atribui a projeto? Seria necessário, para isto, proceder a uma transposição cultural das práticas esportivas de

modo a recuperar, se tal for possível, a competição educativa. O que supõe reintroduzir as noções de jogo e de prazer, de liberdade lúdica e erótica, e de criação estética. Então, no lúdico teríamos casa para o emotivo. Ora, o esporte se autonomizou e se separou destes valores fundamentais de beleza, de realização pessoal, de liberdade, de verdade, de cooperação não agressiva, em proveito de uma busca encarnizada da performance e da eficácia, que é a negação dos valores humanos fundamentais. Para que o esporte seja um elemento da cultura, é necessário que ele deixe de ser puro efeito de constrangimento para voltar a ser o mestre de si próprio, cumprindo e desenvolvendo valores.

Referências

- MOSCOVICI, Serge. **Reflexions à propos de représentations sportives**. In: *Quel Corps – Critique de la Modernité Sportive*. Paris: Les Editions de la Passion, 1995. 179-194.
- PERES, Lana. **A estética no salto ornamental**. Dissertação de Mestrado - Universidade Gama Filho, 2003.
- SALGUEIRO, Stefan. **Sociabilização no futebol brasileiro**. Dissertação de Mestrado - Universidade Gama Filho, 2003
- SANTIN, Silvino. A respeito de comentários. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v.2, n.2, p. 24-28, 1995.
- VOTRE, Sebastião J. **On Athleticism in the Victorian and Edwardian Public School: a semiotic analysis of J. A. Mangan's approach to historical knowledge**, 2000.

Endereço:

Sebastião Josué Votré
Rua Manoel Vitorino, 625 – Piedade
Rio de Janeiro RJ
20.748-900
Telefax: (21) 2599-7138
e-mail: votre@esquadro.com.br

*Manuscrito recebido em 15 de janeiro de 2003.
Manuscrito aceito em 10 de março de 2003.*